

## Introdução

*Foram. A margem estava traiçoeira e nem se achava bem o que era terra o que era rio entre as mamoranas copadas.*

(Mario de Andrade)

A presente pesquisa dá continuidade ao trabalho iniciado em formação anterior – Mestrado na área de Educação – sobre a formação de leitores jovens na contemporaneidade. Naquele momento, o trabalho teve como meta principal buscar os sujeitos da formação idealizada pela escola, através das leituras disparadas ou não pelo ensino de literatura, disciplina de referência e foco das observações do trabalho de campo e das entrevistas realizadas com os candidatos à participação da pesquisa.

Optou-se por esta estratégia metodológica, já que se entendia que não seria possível continuar afirmando uma “crise da leitura”, nos âmbitos escolar e social mais amplo sem que se buscasse ouvir um pouco mais de perto os sujeitos da recepção dos textos que a escola procurava incentivar a ler. Desse modo, saiu-se para o campo com os pressupostos teóricos escolhidos, a teoria da leitura, do professor Jorge Larrosa (1998), entre outros, a fim de recolher dados que seriam confrontados com a teoria e que pudessem falar mais sobre os jovens do grupo escolar e social de referência. Eram jovens do ensino regular diurno de uma escola pública, do centro do Município do Rio de Janeiro, na faixa de 14 a 18 anos, de procedências diversas e experiências diferenciadas de formação.

O cotejamento dos dados com a teoria trouxe alguns resultados interessantes para aquele momento de descoberta, tais como a dissonância entre teoria e prática, na medida em que a fenomenologia resultante da aplicação da teoria de referência mostrou-se absolutamente inapreensível por esta, o que de certa forma a teoria já discutia ao colocar a impropriedade de se querer estabelecer qualquer controle sobre o ato de ler e a formação leitora, principalmente em se tratando de leitura literária.

No entanto, o que se observou foi uma multiplicidade de ocorrências no modo de ler, que foi traduzida pelo perfil “donjuanesco” de leitores jovens, ao que nomeamos de “*experiências donjuanescas de leitura*”. Esta categoria, surgida a

partir do campo e do cotejamento dos pressupostos teóricos iniciais levados para a empiria, foi o modo encontrado para dar conta das experiências de leitura que, segundo o autor de referência, eram inferidas como aquelas em que “*não se passa nada*” com o eu (sujeito) leitor, em contraposição às experiências de leitura em que o sujeito leitor é afetado pela subjetividade do texto lido no ato da leitura mesmo. A essas experiências o autor denomina “leitura como experiência” – categoria em que o grau de reflexão é disparado pelo choque causado pelo encontro de subjetividades (leitor e texto). Este maior grau de reflexão é desejado e pretendido pela escola, numa formação cujo ideal seja a formação de leitor crítico.

Os resultados parciais da pesquisa foram encaminhados no sentido de discutir os achados da empiria e os perdidos da teoria. Assim, os achados da empiria foram os “jovens não-leitores”, esses excluídos, segundo uma designação que tem como ideal o leitor crítico formado pela escola. A relativização da teoria, que se restringia por operacionalidade às duas categorias (experiências de leitura e leitura como experiência) levou-nos a considerar a situação de rigidez em que ora se inscrevia a teoria que era pautada no desdobramento de outras concepções teóricas, ora a flexibilidade exagerada que apresentava uma situação de ambigüidade para os objetivos a serem alcançados numa formação pilotada pela escola e de caráter eminentemente formal.

A rigor, percebia-se que a teoria forçava uma situação de exclusão indesejável pelos princípios que devem reger uma prática escolar no contexto de exclusão em que nos encontramos, especialmente na América Latina, já tão exaustivamente comentada por diversos estudiosos, entre eles, o filósofo argentino Nestor Garcia Canclini, principalmente com a obra *Do cidadão ao consumidor*, o teórico da comunicação e espanhol radicado na Colômbia Jesús Martin-Barbero, em *O ofício do Cartógrafo*, a crítica literária argentina Beatriz Sarlo, em *Cenas da vida pós-moderna*, o professor e pesquisador argentino Pablo Gentili, em *Educação crise e trabalho: perspectivas de final de século*, entre outros em periódicos, de modo mais direto ou indiretamente como comentadores das questões que envolvem a educação formal na América Latina, além de boletins publicados em rede.

Também não podemos precipitadamente considerar que os resultados encontrados, em certa medida, sejam resultantes de uma teoria insuficiente ou frágil, do ponto de vista político e, conseqüentemente, operacional. Tampouco podemos cair na tentação de considerar o campo como sendo um espaço de multiplicidades, aceitar rapidamente a simplificação de que nessas multiplicidades reafirmamos o caráter contraditório das experiências coletadas e voltarmos-nos para este trabalho prometeu admitindo que é assim, que “não há o que fazer”, em consonância com o senso comum desencantado. Da mesma maneira, não podemos buscar outros objetos que não nos dêem tanto desalento ou sentimento de derrota, como vem sendo o aparente campo de discussão acerca da formação de leitores, em que, às vezes, é mais fácil cair no discurso queixoso e dizer: “esses alunos não lêem nada mesmo”. É preciso saber que de senso comum estamos rodeados, como também de não-sensos o que não tira a razão de um e de outros. Mas talvez o caso não seja tanto o de ter razão, mas sim o de ser feliz e ter alguma saúde.

Em realidade, o nó feito pelo trabalho anterior, e que deu origem a este, está para muito mais além de uma discussão sobre a formação de leitores e métodos e práticas leitoras, como também para além dos modos de leitura desejáveis ou não. O nó encontrado neste e no outro trabalho, talvez se situe nessa ambigüidade em que nos encontramos irremediavelmente enredados: o que, de fato, queremos? Ganhar leitores? Formar leitores críticos? Ou simplesmente cumprir com as nossas tarefas diárias, para alento de culpas indesculpáveis, por não se tratar de culpa também o caso?

Estas são questões que procedem e que têm respostas possíveis, embora não dêem conta de resultados plenamente satisfatórios, se buscamos alívio para nossas ansiedades a respeito do que se pode fazer com a formação e com a formação de leitores hoje. Por outro lado, elas não procederão tanto se o que buscamos é o prazer de vermos resultados mais duradouros em relação aos jovens que são quotidianamente orientados em qualquer curso regular e formal escolar. Talvez, para se atingir os resultados desejados, se experimente um certo desconforto, o desconforto de confrontarmos nossas ambições com nossas necessidades e nossas conquistas com nossas demandas cotidianas.

Este espaço de tensão permanente, que abarca tanto o cotidiano escolar como qualquer outro espaço social, de alguma maneira está soando dizeres que muitas vezes não queremos ouvir.

Contudo, sabendo da extensão da discussão, optamos por discutir inicialmente as questões relativas à formação de leitores, para criarmos estrutura e seguirmos discutindo outras idéias. Para tanto, é preciso reapresentar o perfil construído de leitor, para que nova discussão seja possível.

O perfil “donjuanesco” para as experiências de leitura de alguns jovens, tomados como referência, apontava para: leituras interrompidas; o desejo de ler; o reconhecimento da importância do ato de ler na formação; o gosto por narrativas de aventura; a dificuldade com a solidão e a paciência exigidas para o desenvolvimento de uma leitura mais rigorosa e apuradas, a preferência por linguagens como o cinema; que dão um retorno imediato às expectativas de prazer; a dificuldade de lidar com um discurso mais elaborado e diferente do cotidiano familiar conhecido; a exigência interna de estar em movimento; a atenção voltada para os acontecimentos fora de si; a vontade de abarcar todas as experiências possíveis; o imediatismo e a dissociação entre as escolhas feitas, em termos de lazer e formação.

Todas essas referências são frutos de falas recorrentes entre eles ou colocadas por alguns nas entrevistas, mas que completam a colcha de retalhos que se tornou a busca da compreensão do perfil de leitores jovens naquele momento. No entanto, quase todos, de uma maneira ou de outra, afirmavam a intervenção da leitura em suas trajetórias, de níveis diferentes e procedências diferentes, mas sempre presentes. O campo da afetividade era, sem dúvida, o introdutor das experiências bem sucedidas, fosse por amizade ou não.

Uma vez construído o perfil de leitor e confrontado com a teoria, viu-se a incompletude desta, além do surgimento da possibilidade de uma referência que considerasse as diferenças por negação que apareceram. A saber, o achado da citação da experiência de leitura do mito de Don Juan, em um dos relatos. Esta ocorrência surgida no campo, redirecionou os estudos e fez com que novo referencial teórico fosse introduzido e correspondesse em parte ao perfil construído. O sistema de representação adotado para o perfil veio ao encontro do anseio de traduzir, ao menos em parte, as experiências daqueles jovens

considerados idealmente como não-leitores, dentro de um contexto firmado pela escola, envolvida com uma formação fechada, teleológica e segura. A partir daí, seguiu-se o caminho de incluir os estudos sobre este mito literário e dar continuidade à discussão acerca da formação de leitores.

Saltou aos olhos uma série de ocorrências que iam confirmando a presença desse mito em nosso cotidiano, em diversas áreas do conhecimento, ou, no nosso entendimento, características que se aproximavam em muito do perfil construído ou reconhecido como sendo próprio na representação do mito. Desde a clínica (psicologia e psiquiatria) com os processos de medicalização referendados em artigos da literatura específica<sup>1</sup>; na sociologia, na esfera dos estudos de comportamento alinhados mais diretamente com a antropologia<sup>2</sup>; na estética, com a preocupação em torno do banal no cotidiano em contraposição ao sublime de referência kantiana; seja no campo epistemológico em geral, com a revisão de conceitos e certezas estabelecidas.

Mais do que a constatação de que o mito de Don Juan está na ordem do dia, isto é, parece delinear-se como uma experiência cultural da contemporaneidade, é um desafio verificar até que ponto existe um contexto que o faz parecer adequado aos nossos tempos, fazendo-nos rever os limites éticos dos laços sociais, até que ponto ele já não é em si um elemento participativo de um contexto conservador que não quer perder de vista certos interesses em jogo. A maneira que encontramos de introduzir tais preocupações tensionantes e tensionadas no debate cultural foi através do tema da formação de leitores e o modo como estamos lidando seja com as práticas relativas ao assunto, seja com os temas que circundam tal mito e que estão profundamente inseridos em determinados projetos estéticos.

Em realidade, voltar a olhar o mito agora com mais atenção, buscando outros estudiosos do assunto, refinar um passo a frente os princípios envolvidos no caráter estético e ético que o mito suscita, foram algumas das primeiras iniciativas desta formação.

Deste modo, esta tese pretendeu tão somente, através da revisão de elementos construídos por nós no movimento de pesquisa, introduzir mais

---

<sup>1</sup>Vale consultar o site “psiqweb” (portal da psiquiatria) que leva-nos ao “donjuanismo” com uma abordagem que o aproxima de patologias ligadas à compulsividade e à ansiedade.

<sup>2</sup>O livro *Amor líquido* de Zigmunt Bauman é bastante esclarecedor neste ponto.

elementos relacionados agora com os estudos literários que pudessem abrir algumas janelas ainda desconhecidas.

Enfrentamos desde o início as dificuldades com uma revisão bibliográfica imensa e de abordagens múltiplas, o que em si já exigiu de nós uma operação de seleção mais demorada até que chegássemos às vias exequíveis neste momento. O tema do *donjuanismo* perpassa desde a preocupação histórica, com a figura dos libertinos<sup>3</sup> em suas mais variadas acepções, passando pela presença nas mídias de longo alcance, como o cinema, a Internet, a música, até as estruturas sociais que sustentam os campos de saber e de produção de saber mais variados. Aqui elegemos algumas curiosidades a fim de que se pudesse manter o leitor da pesquisa em contato com outros campos do saber e pudéssemos desde já contribuir para o interesse pelo assunto em áreas as mais variadas.

A idéia de formação, também agora redimensionada, revela-nos a necessidade de ressignificar o que consideramos formação e mesmo o que desejamos com ela. Antes a idéia de formação passava pelo caminho previsto e planejado através de experiências encerradas na escola, numa disciplina. Especialmente hoje esta crença é elástica e dá margem para reconhecer que as experiências vividas no cotidiano são experiências formadoras. Talvez isto não seja novo nem uma descoberta de agora, mas é possível que dê a prudência de nomear nossos parceiros na formação leitora na contemporaneidade, como o cinema, a televisão, este em larga escala, e outros, como a dança e o teatro, em menor escala de presença<sup>4</sup>.

Falar em rigor, hoje, pode ser em si um disparate, já que os critérios que norteavam o rigor em determinada época já não estão em voga, ou sequer são predominantes. Falar em rigor hoje, numa época em que as ambigüidades estão à mostra (Bauman, 1999), pode parecer no mínimo um contra-senso, posto que a rapidez dos acontecimentos não nos deixa muita opção para sermos criteriosos e desenvolvermos, na contemplação, a sintonia fina necessária para os eventos que

---

<sup>3</sup>Cabe o destaque para o evento quase homônimo promovido pelo Fórum Social de Cultura da UFRJ sob a coordenação de Aduato Novaes, que culminou no livro *Libertinos e Libertários*, editado pela MINC/FUNARTE e a Companhia das Letras.

<sup>4</sup>Temos aqui um ponto de discussão sobre políticas culturais que ora privilegiam certa linguagem, ora privilegiam outras. Essa gangorra cultural já poderia ser um indicador para discussões acerca do status desta ou daquela via estética de experiência com obras de arte no cotidiano contemporâneo, latino e brasileiro.

se sucedem inesgotavelmente. De um lado, somos atropelados pelas experiências avassaladoras do cotidiano, de uma intensidade atroz; de outro, somos abandonados pelos mesmos acontecimentos, num descompasso arrebatador. O mal-estar contido nesse cotidiano contemporâneo grita que a dificuldade está em nós, dificuldade de administrarmos as demandas imediatas com as de cunho mais duradouro. Ao mesmo tempo em que aponta um sistema contaminador de práticas e sofisticadamente organizado para manter o estado de coisas em que vivemos (Bauman, 1998).

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman afirma, em suas análises, que o problema da contemporaneidade está na administração dos eventos, muito mais do que na qualificação deles (1999). Podemos traduzir isto, em parte, por uma questão de escolha, mas também de critérios de escolha, critérios que podem retardar ou acelerar as respostas aos nossos anseios e projetos.

Nesse ponto, pergunto-me se esta aferição de Bauman não estaria tratando mais das dificuldades de uma geração, formada num determinado tipo de experiência, do que em outros fatores intrínsecos ao processo de formação. Pergunto-me até que ponto Bauman vê o mal-estar na pós-modernidade como sendo fruto de um ambiente inóspito ou de uma falta de percepção que aceite mudanças e variações de critérios para engendrar novas experiências e novos saberes. A resistência à mudança pode ser uma forma de não enxergar a fragilidade dos instrumentos, dos suportes, dos ideais até agora preservados. Talvez a mudança já esteja em foco, em movimento, e não se tenha muita avaliação das conquistas que advêm dela. No calor da hora é que muitas vezes se percebe o quanto se empreendeu para que algum projeto pudesse florescer.

Assim, a justificativa para o presente trabalho é dar continuidade a uma escolha feita no passado, que determinou um certo percurso, mesmo que agora esteja sofrendo algumas modificações em função de novos olhares.